



Dança e acessórios

A partir do fim do século XIX os acessórios permitiram aumentar o corpo, esticar ou contrair a dança, entrar na modernidade para além de um corpo narrativo.

Este dueto corpo/objeto poderia ser a assinatura da entrada na modernidade e irá originar a diversidade da dança do século XX, as suas inúmeras escolas e estilos. A *Danse serpentine* de Loïe Fuller, as famosas danças livres de Isadora Duncan, a dança absoluta de Mary Wigman ou a dança expressiva de Martha Graham. Para além das criações de Alwin Nikolaïs e dos coreógrafos contemporâneos como Philippe Decouflé ou Christian Rizzo.

O acessório pode ser considerado uma extensão possível do movimento, como uma ressonância poética onde a relação corpo/acessório criaria a emoção.

1. Loïe Fuller e a *Danse serpentine*

Mulher borboleta, mulher flor, mulher fénix, pode dizer-se que a primeira coreógrafa dançarina a usar acessórios foi Loïe Fuller com o seu jogo de luzes e véus.

Tornou-se uma das rainhas da Belle Époque e a primeira artista moderna a produzir um espetáculo a solo à margem dos ballets clássicos e dos espetáculos de revista.

O corpo da dançarina perde-se em benefício de movimentos ondulantes criados pelo jogo de materiais patenteados especialmente para os seus espetáculos (seda, baquetas, substâncias químicas fosforescentes). A isso acrescenta-se os efeitos de espelho e de cores emanados pelas projeções de luz da completamente nova fada Eletricidade.

A sua *Danse serpentine* deslumbra os maiores e inspira os simbolistas e os artistas da Art Nouveau. Loïe desenvolve uma dança bastante pessoal a partir de um género bastante generalizado na época sobre as cenas do Music Hall: a *Skirt Dance*. Liberta-se de códigos, inventa um género de *performance* multimédia e abre a cena ao século XX.

2. Léonide Massine e *Parade*

Durante os anos 20, o encontro entre as artes plásticas e as artes da cena influencia bastante a composição coreográfica. Esta adapta a dança à realidade física das roupas e dos acessórios. Diaghilev, o genial diretor dos Ballets Russes fascinado pelo cubismo e futurismo, decide financiar a criação da peça *Parade*. Para isso, contrata Jean Cocteau para criar o livrete, Pablo Picasso para conceber a decoração e os figurinos, Erik Satie para compor a música e Léonide Massine para realizar a coreografia. Em *Parade*, cada dançarino é uma personagem sujeita a um tipo de dança influenciada pela roupa ou



acessório usado. Segundo Cocteau, as roupas-decorações de *Parade*, «longe de dificultar o coreógrafo, obrigaram-no a romper com a fórmula antiga».

Parade é, frequentemente, apresentado como o primeiro ballet moderno.

3. Oskar Schlemmer e o *Ballet triadique*

Em oposição a este movimento que tinha tendência para representar através do ballet o aspeto mecânico e industrial do mundo moderno, Oskar Schlemmer cria o *Ballet triadique*.

«Com este *Ballet triadique*, fruto do «prazer que tinha em brincar com as formas e a matéria», Schlemmer desejava, sobretudo, oferecer uma «festa da forma e da cor» e contribuir enquanto pintor e dançarino para a renovação do teatro, ressuscitando o ballet com trajes.»¹

4. Joséphine Baker

No meio dos anos loucos, figura proeminente da *Revue Nègre*, Joséphine Baker dá origem a uma nova paixão por tudo o que reporta à Arte Africana.

Com o seu ar divertido e a cintura de bananas hilariante, combinando *jazz*, *charleston* e danças primitivas, Joséphine Baker derruba, através do seu traje, todos os estereótipos e ideias estabelecidas deste meio do século XX ainda, ao mesmo tempo, fascinado pelo exotismo e desconfortável com tudo o que sai da cultura europeia.

Joséphine Baker utiliza artifícios aguardados pelo público branco, chegando a revelar a sua nudez e a acentuar a sua animalidade, desviando-as ao serviço do seu génio escandaloso.

5. Alwin Nikolaïs e *Sanctum e Imago*

Nos anos 1950 e 1960, Alwin Nikolaïs fez experiências com os corpos, o espaço cénico tão físico como luminoso e cinético. Associou o orgânico ao geométrico. Para ajudar o seu conceito de teatro total, é ele quem cria as músicas, decorações, luzes. Utiliza muitas máscaras e acessórios: «para o dançarino, as máscaras tornam-se noutra coisa; e os acessórios servem para empurrar o seu tamanho físico mais longe no espaço. Estes últimos não eram instrumentos destinados a serem utilizados como pás ou espadas, mas sim para prolongar os ossos e a carne.»

¹ Oskar Schlemmer, *L'homme et la figure d'art*, Éditions Recherches Centre National de la Danse, 2001, p. 44-45



Um crítico americano dizia: «Com Nikolaïs, os dançarinos são acessórios e os acessórios dançam.»²

Em *Sanctum* e em *Imago*, os dançarinos possuem extensões feitas de tubos na cabeça e nas mãos.

Atualmente, os coreógrafos contemporâneos continuam a fazer experiências com estes objetos dançantes, verdadeiros parceiros de criação.

Estes artistas cruzam-se, muitas vezes, com as artes circenses, artes da instalação e dança contemporânea.

Desviam os acessórios da utilização unicamente performativa que lhes estava reservada até então para os conduzir na direção de uma poesia da vertigem, da graciosidade.

6. Christian Rizzo e Caty Olive e *100% polyester, objet dansant n°(à définir)*

Alguns acessórios movem-se por si próprios graças à força de movimento do vento.

«*100% polyester, objet dansant n°(à définir)*» pequena joia poética inventada por Christian Rizzo e Caty Olive faz dançar o acessório, sem apoio do corpo. Apenas o vento proveniente dos ventiladores colocados em cena permite a duas túnicas entrelaçarem-se, virarem-se e deixarem-se incorporar pelo movimento... eólico. Magia dos elementos, magia do movimento sem vida.

Após uma formação em artes plásticas e uma passagem pelo estilismo, Christian Rizzo criou a sua companhia Association Fragile onde funde as artes da instalação e da *performance*, colocando em cena artistas e objetos. Adora organizar «rituais ricamente articulados pela manipulação de objetos que criam relações entre os dançarinos.»³

7. Phia Ménard e *Vortex*

Artista de malabarismo, mas não só, Phia Ménard interessa-se por tudo o que remete à impermanência, transformação dos corpos, das identidades e das matérias. Aquilo que tão bem apelida de «hibridação».

Dedica-se aos elementos naturais que trabalha por ciclos: as peças de gelo (*P.P.P, Ice man* e *Black Monodie*), as peças de vento (*L'après midi d'un foehn* e *Vortex*) e as peças de água com *Belle d'hier* como primeira obra.

² Oskar Schlemmer, *L'homme et la figure d'art*, Éditions Recherches Centre National de la Danse, 2001, p. 139

³ *Panorama de la danse contemporaine*, Rosita Boisseau, Édition Textuel, 2008, p. 531-535



Com *Vortex* e *L'après midi d'un foehn* (versão para crianças) coloca o seu solo no centro de um vento criado por cerca de vinte ventiladores. Brinca com este elemento parceiro e alguns sacos de plástico que se tornam, então, aos nossos olhos, sucessivamente pequenas pessoas a dançar, gigante assustador, espiral de ADN devoradora.

Através destas imagens, envia-nos com grande emoção às origens da nossa própria organicidade.

8. Yoann Bourgeois e *Cavale*

«Para mim, os materiais circenses são um conjunto de jogos que relacionam um corpo e uma força física».⁴

Este coreógrafo, malabarista, intérprete, antes de qualquer coisa, da instabilidade do corpo e dos objetos, reivindica uma «estética do risco». Cria uma estética com jogos de vertigem e «momentos» que são verdadeiros tempos de pausa oferecidos ao público.

Em *Cavale*, Yoann Bourgeois coloca em cena um plinto/trampolim, uma escada, dois dançarinos e o desequilíbrio apenas situado entre a queda e a suspensão.

Com este coreógrafo, os acessórios são um pretexto para o impulso, o ponto de suspensão, o contraponto musical.

Em *les Fugues*, que definiu como «uma série de Pequenas Danças espetaculares para um homem e um objeto», cada dança é escrita para um objeto específico numa partitura da *L'Art de la fugue* de Bach.

As bolas tornam-se, então, notas de poesia e os saltos dos corpos no trampolim, suspensões de pequenas alegrias sucessivas.

9. Geisha Fontaine e Pierre Cottreau e *Une pièce mécanique*

Geisha Fontaine e Pierre Cottreau são apreciadores de todos os géneros de desvio de códigos habitualmente relacionados com o espetáculo.

Une pièce mécanique reúne em cena dois dançarinos e um corpo de ballet mecânico composto por 25 objetos/esculturas móveis.

Dançarinos e objetos são, aqui, sujeitos e materiais da dança, o corpo de ballet faz a sua entrada em cena e constitui um gigantesco mecanismo composto por sons originais e movimentos organizados, criando, assim, uma partitura musical e coreográfica

⁴ Yoann Bourgeois



autónoma. Este universo plástico e sonoro rodeia os dois dançarinos. Não podemos deixar de pensar numa versão de alta tecnologia do *Ballet triadique*.

Esta dança da matéria, criada pela programação informática, a geometria e pelas matemáticas, leva os intérpretes humanos a metamorfosearem-se em contacto com os mecânicos; a composição humanos/objetos remete, então, para um dispositivo poético inédito.

Do virtual ao vivo, a emoção persiste.

Ir mais longe :

BOISSEAU, Rosita. *Panorama de la danse contemporaine*. Paris : Textuel, 2008. p. 219-225 et 531-535. (Musiques et danse Beaux livres).

FULLER, Loïe. *Ma vie et la danse : autobiographie*. Paris : l'Oeil d'or, 2000. 180 p. (Mémoires & Miroirs).

ROUSIER, Claire. *Oskar Schlemmer, L'homme et la figure d'art*. Paris : Centre National de la Danse, 2001. 173 p. (Recherches).

SINA, Adrien. *Feminine Futures : Valentine de Saint-Point - Performance, danse, guerre, politique et érotisme*. Dijon : Les Presses du Réel, 2011. 512 p.

SUQUET, Annie. *L'Éveil des modernités : une histoire culturelle de la danse*. Paris : Centre National de la Danse, 2012. 960 p. (CND Hors collection).

PAMS, Françoise (dir.). *Danser sa vie*. Catalogue d'exposition (Paris, Centre Georges Pompidou, novembre 2011 – avril 2012). Paris : Centre Georges Pompidou, 2012. p. 99-103 et 110-113.

GARRIGOU-LAGRANGE, Matthieu. Joséphine Baker (1906-1975) [podcast], in *Une vie, une œuvre* [en ligne], France Culture, 2012, 58 min. Disponible sur : <https://www.franceculture.fr/emissions/une-vie-une-oeuvre/josephine-baker-1906-1975>



Créditos :

Seleccção de Excertos

Julie Charrier

Seleccção de textos e bibliografia

Julie Charrier

Produção

Maison de la Danse

Biografia do autor :

Depois de anos em estudos de dança, no Conservatório de Avignon, em seguida, no Centro Nacional de Dança Contemporânea de Angers, Julie Charrier está se movendo para a produção de filmes documentais e captações de shows ao vivo principalmente centrados em dança contemporânea para muitas empresas de produção. Como consultora, então editorialista, ela participou do nascimento e desenvolvimento de Numeridanse.tv. Ela coordena para o ACCN e o Ministério da Cultura, delegação para a dança.

Ela é responsável pela direção artística e produção da coleção 360 Histoires d'espaces, que questiona as novas possibilidades que a realidade virtual oferece para performances ao vivo.

O Parcours “Dança e acessórios” foi lançado graças ao apoio do Secretariado Geral de Ministérios e Coordenação de Políticas para a Inovação Cultural.